PROGRAMA DE MONITORAMENTO DE MACRÓFITAS

UHE MONJOLINHO

OUTUBRO - 2022

Statkraft

Sumário

1. Introdução 3

2. Metodologia 3

3. Resultados 4

4. Conclusões e Recomendações 6

1. Introdução

O objetivo principal deste programa é monitorar, e caso seja necessário, controlar a proliferação excessiva de macrófitas aquáticas no reservatório da UHE Monjolinho. O controle de macrófitas visa propiciar a manutenção ou melhoria da boa qualidade da água do reservatório, diminuindo a quantidade de matéria orgânica disponível na água, viabilizando o aproveitamento do mesmo para seus possíveis usos múltiplos, além de evitar acidentes e danos aos equipamentos de geração de energia do empreendimento hidrelétrico. O presente relatório apresenta os resultados da vistoria realizada no reservatório da UHE Monjolinho nos meses de maio e outubro de 2022.

2. Metodologia

O monitoramento vem sendo realizado sistematicamente desde o enchimento do reservatório através de vistorias embarcadas em três zonas distintas do reservatório nas quais são avaliados todos os arroios, contribuintes diretos do lago da UHE Monjolinho.

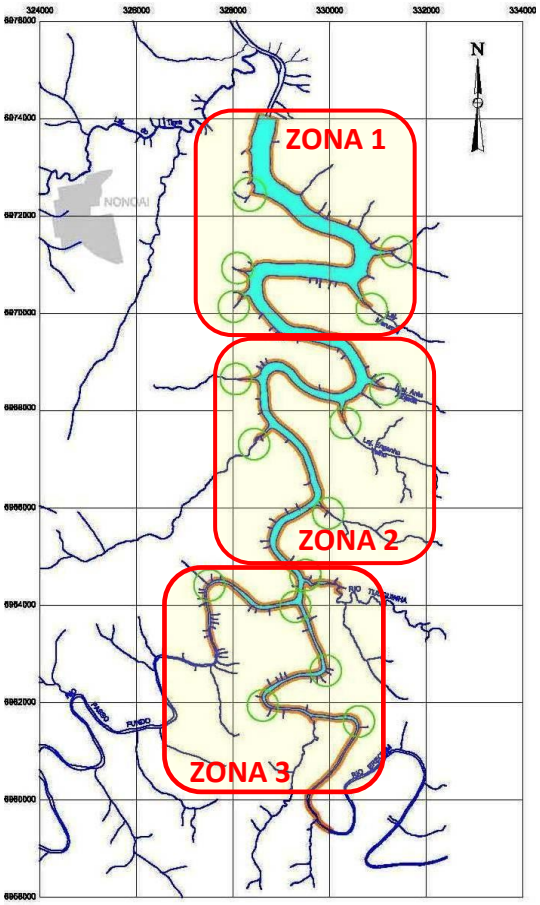

Figura 1: Subdivisão do reservatório em áreas para o monitoramento das macrófitas.

Para avaliação e controle das macrófitas está sendo utilizado o critério quantitativo para determinar o nível de infestação conforme a escala de Vega (1997). Este método

permite identificar os problemas de explosão populacional e aplicar medidas mitigatórias urgentes, como a eventual necessidade de remoção de material. A avaliação é efetuada de acordo com os seguintes níveis de infestação:

Quadro 1 – Níveis de Infestações para Avaliação das Macrófitas

Nível	0	Quando não há macrófitas
Nível	I	Sendo notada apenas a presença
Nível	II	Para infestação leve
Nível	III	Para infestação média
Nível	IV	Infestação grave
Nível	V	Para infestação crítica

3. Resultados

Nos meses de maio e outubro de 2022 foram realizadas vistorias embarcadas nas três zonas mapeadas para identificar o grau de proliferação de macrófitas, dando-se especial atenção às áreas onde arroios contribuintes que deságuam no reservatório da UHE Monjolinho. Mesmo com presença de matéria orgânica em suspensão em alguns locais, como já verificados em campanhas anteriores, não foi registrado ocorrência de espécies de macrófitas normalmente associada a estes acúmulos, como *Lemna* sp. e nem as demais espécies com potencial de ocorrência.

Foto 1 – Vista do reservatório sem presença de macrófitas na Zona 1 (Maio/22).

Foto 2 – Vista do reservatório sem presença de macrófitas na Zona 1 (Maio/22).

Foto 3 – Local com material orgânico em suspensão e presença de macrófitas na Zona 2 (Maio/22).	**Foto 4 –** Detalhe do local com material orgânico em suspensão e presença de macrófitas na Zona 2 (Maio/22).
Foto 5 – Local com material orgânico em suspensão e presença de macrófitas na Zona 3 (Maio/22).	**Foto 6 –** Detalhe do local com material orgânico em suspensão e presença de macrófitas na Zona 3 (Maio/22).
Foto 7 – Vista do reservatório sem presença de macrófitas na Zona 1 (Outubro/22).	**Foto 8 –** Vista do reservatório sem presença de macrófitas na Zona 1 (Outubro/22).

Foto 9 – Vista do reservatório sem presença de macrófitas na Zona 2 (Outubro/22).	**Foto 10 –** Vista do reservatório sem presença de macrófitas na Zona 2 (Outubro/22).
Foto 11 – Vista do reservatório sem presença de macrófitas na Zona 3 (Outubro/22).	**Foto 12 –** Vista do reservatório sem presença de macrófitas na Zona 3 (Outubro/22).

4. Conclusões e Recomendações

Após a realização da campanha de monitoramento de macrófitas, verifica-se que a presença de macrófitas no reservatório da UHE Monjolinho, quando ocorre, está em sua grande parte, condicionada a matéria orgânica depositada junto ao reservatório e aos pequenos córregos que desembocam no lago. Na campanha de maio/22 ocorreu registro de macrófitas nas Zonas 2 e 3, o que proporciona um nível de infestação Nível I na escala de Vega (1997). Em relação a ultima campanha realizada, não ocorreu registro de macrófitas, o que proporciona um nível de infestação Nível 0 na escala de Vega (1997).

Alexandre Bugin
Sócio-Diretor da ABG Engenharia e Meio Ambiente
CREA RS 48191